

FEMINISMOAGORA! AUTORREFLEXÃO E FORMAÇÃO POLÍTICA

SILVA, Carmem Silvia Maria da *

RESUMO

O artigo apresenta uma experiência de formação feminista com mulheres jovens, em Recife, realizada nos anos de 2013 e 2014, com base no feminismo e na perspectiva pedagógica de Paulo Freire. O objetivo é discutir a metodologia de autorreflexão como elemento relevante do debate educacional sobre pedagogia feminista. Com base na metodologia de sistematização de Educação Popular, narra o desenvolvimento e os resultados da experiência para discutir a relação entre Educação Popular e Pedagogia Feminista. Os procedimentos adotados foram o debate em grupo focal orientado por problematizações formuladas a partir da experiência compartilhada por educadora e educandas. Na sua conclusão traz como principal achado deste processo de pesquisa-sistematização a relevância de associar à metodologia de autorreflexão, elementos de formação política e acompanhamento da atuação coletiva como fundamentais para a formação em movimentos sociais.

Palavras-chave: Feminismo. Educação popular. Movimentos sociais.

* Jornalista (UFMA), Educadora com mestrado em História e Filosofia da Educação (PUC SP), mestre em Políticas Públicas (UFMA) e doutoranda em Sociologia (UFPE). Email: carmen@soscorpo.org.br

FEMINISM NOW! SELF-EVALUATION AND POLITICAL EDUCATION

SILVA, Carmem Silvia Maria da*

ABSTRACT

This article presents an experience in feminist education with young women in Recife (Pernambuco, Brazil) made between the years 2013 and 2014 and based on feminist theory and on Paulo Freire's pedagogical perspective. The aim is to discuss self-reflection methodology as an important element of the educational debate on feminist pedagogy. It describes the development and the results of the experience in order to discuss the relation between Popular Education and Feminist Pedagogy. The procedures adopted were the focal group discussion guided by problematizations formulated from the experience shared by educator and educandas. In its conclusion, the study's main finding of this research process systematization the importance of associating the self-reflection methodology, policy formation elements and monitoring of collective action as key to the formation in social movement

Keywords: *Feminism. Popular Education. Social Movements.*

* Journalist (UFMA), Educator with a Masters in History and Philosophy of Education (PUC SP) , Master in Public Policy (UFMA) and PhD in Sociology (UFPE). Email: carmen@soscorpo.org.br

1 INTRODUÇÃO

Desde a década de 1970, com o ressurgimento do movimento feminista como espaço de auto-organização das mulheres em torno das lutas por direitos e com a participação na resistência à Ditadura Militar, a educação entre mulheres tem sido um elemento central. Os grupos feministas se consolidaram como espaço de autorreflexão – também denominados grupos de autoconsciência (REGIA, 1988) –, e com ações para a sociedade, a exemplo dos jornais da imprensa feminista na década de 1980 (LEITE; TELES, 2013), mobilizações nacionais em defesa de direitos, como a ação no processo constituinte de 1986-1988, que ficou conhecido como *lobby do batom* (SCHUMACHER, 2008) e, posteriormente, com incidência sobre o Congresso Nacional e o poder executivo, gerou-se o que hoje conhecemos, no plano do governo federal, como Políticas para Mulheres. Este processo em si confere relevância ao feminismo como movimento social e justifica pesquisas sobre a ação educativa que se desenvolve no interior deste movimento.

A pesquisa sobre a pedagogia feminista se insere no campo de estudos que analisa a relação entre Educação e Movimentos Sociais. Nesse campo há fortes referências à educação sindical (MANFREDI, 1986), à educação política com ênfases em partidos (SILVA, 1996), à educação em movimentos sociais (GOHN, 1995), e a ações educativas desenvolvidas por Organizações Não Governamentais (ONGs), com maior ou menor inserção em movimentos populares (FISCHER, 1987) e algumas relativas à educação feminista (CARREIRA, 2001). Neste ambiente teórico-político, a ação educativa é nomeada como *formação* e, em alguns casos, são estudadas as *Políticas de formação* internas e específicas de cada organização, movimento social ou partido político, a exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) (CALDART, 2008) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT) (CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES, 1990). Aqui não vamos discutir a estruturação destas políticas internas no movimento feminista, e sim a concepção pedagógica que se desenvolve na formação feminista realizada por uma organização, o SOS Corpo Instituto Feminista para a Democraciaⁱ, tomando por referência uma experiência de processo educativo com mulheres jovens, realizado em 2013 e 2014, em Recife (PE).

A experiência pedagógica descrita faz parte de um plano mais amplo do SOS Corpo forjado na intenção de fortalecer o movimento feminista na região metropolitana do Recife, a partir do acompanhamento sistemático de grupos de mulheres, resgatando e reconstruindo antigas referências metodológicas para o trabalho educativo que estiveram presentes no feminismo há quatro décadas, a exemplo da metodologia de autorreflexão. Este artigo pretende falar do que as jovens mulheres

participantes pensam sobre suas experiências de vida, mas também como elas observam que os problemas discutidos neste processo estão sendo vivenciadas por outras jovens com as quais elas convivem. Nesse sentido, pode contribuir para retomar a reflexão sobre algumas tradicionais questões feministas. Além disso, discutiremos como as experiências pedagógicas com autorreflexão feminista podem ser um elemento central na articulação entre a concepção pedagógica de Educação Popular e a Pedagogia Feminista e na potencialidade de engajamento das mulheres nos movimentos sociais.

Tomamos como ponto de partida para essa reflexão a minha experiência pessoal como educadora responsável por este processo e que continua, após seu término, convivendo com as participantes nas ações coletivas do movimento feminista. A perspectiva pela qual me oriento implica em um conhecimento situado, mas também capaz de articular militância política e produção do conhecimento, tal relação vista, ela mesma, como fundante na construção da teoria social feminista (SORJ, 1992). Pensando que a razão de existência do feminismo enquanto movimento social é a luta política contra o patriarcado, mas também contra o racismo e o capitalismo, uma vez que a situação das mulheres está enredada em uma trama que entrecruza as relações sociais de sexo, de classe e de raça (KERGOAT, 2010), convêm refletir sobre as implicações deste modo de ver para a prática pedagógica.

Para o SOS Corpo, o feminismo é um pensamento crítico diante da situação de exploração e dominação que nós mulheres vivemos e um movimento social de luta para mudar esta situação. O feminismo é também uma atitude cotidiana de resistência com a qual nós mulheres construímos a nós mesmas e o nosso projeto de vida, para além daquilo que o mundo nos diz que deve ser uma mulher. O feminismo é uma linha melódica, uma inspiração de um sopro, mas nunca um caminho linear e uma trajetória segura (COLLIN, 2010). É sempre cheio de sobressaltos, idas e vindas, que fazem dele fonte de encontros conosco mesmo e com as outras, de alegrias com nossas pequenas conquistas no enfrentamento ao sistema, de tristezas frente às nossas recaídas na cultura patriarcal e de raiva frente ao crescimento de tudo que nos oprime.

A visão de mundo que consubstancia nossa perspectiva pedagógica parte da análise da formação social brasileira como sociedade capitalista, baseada na exploração do trabalho e na sua divisão e hierarquização por sexo e por raça; no patriarcado, como sistema de estruturas e práticas sociais em que os homens dominam, oprimem e exploram as mulheres em todos os âmbitos da vida; e no racismo, como sistema de negação da humanidade das pessoas negras engendrado, no Brasil, a partir da escravização do povo africano e dizimação dos povos originários daqui no período colonial

e na não reparação pelo Estado republicano. No momento atual o sistema se encontra mundializado e articulado a partir da ideologia neoliberal e se expressa em crises de ordem ambiental, alimentar, financeira, do padrão energético, e mais recentemente na crise da migração e nas guerras que mobilizam fundamentalismos religiosos como suas justificativas.

O espaço criado nesta experiência possibilitou o encontro de mulheres jovens que tinham distintas aproximações com o feminismo, umas muito decididas e atuantes em alguns coletivos organizados recentemente, outras iniciando o contato, algumas retomando-a depois de um tempo e/ou de algumas críticas à forma como o movimento atua, outras ainda bem definidas em sua identidade feminista individual, mas sem nenhuma experiência de atuação coletiva. Também nos encontramos com algumas garotas para as quais o feminismo e a própria ideia de movimento social era em si uma novidade. Estas diferenças constituíram um dos pontos fortes do processo pedagógico.

Iniciamos com um grupo de 27 mulheres jovens, majoritariamente em torno de 23 anos, algumas negras, algumas lésbicas, a maioria com formação universitária em curso ou concluída, concentradas especialmente nas áreas de humanas, residentes em Recife, portanto, uma capital, sendo em torno de um terço delas moradoras de periferias da cidade, e algumas já haviam ingressado no mercado de trabalho.

Esta sistematização registra um processo pedagógico que se moldou basicamente com um encontro por mês de um dia e com uma metodologia participativa muito simples. A articulação das participantes se deu em uma comunicação direta, boca a boca, a partir de algumas jovens conhecidas e interessadas em feminismo. Agendamos uma primeira reunião para apresentar a ideia e, em seguida um primeiro encontro durante um sábado, para iniciar o processo de formação. Elas decidiram juntas quais temas eram fundamentais e aceitaram de bom grado a proposta metodológica, acrescentando a ela uma vivência artístico-cultural. Os encontros eram abertos com uma animação cultural ou com dinâmicas de integração, seguiam as manhãs com *oficinas de autorreflexão* sobre o tema previamente decidido, almoçávamos juntas e à tarde fazíamos uma *roda de diálogo* a partir de subsídios distribuídos anteriormente sobre o mesmo tema. Para fechar, discutíamos alguns encaminhamentos relativos ao funcionamento do grupo ou à participação em atividades dos movimentos sociais e em seguida tínhamos outra vivência artística e/ou uma dinâmica de integração.

Entre um encontro e outro a comunicação se dava na lista de e-mails, na qual circulávamos também os materiais preparatórios; textos, vídeos, poesias e comentários. Uma comissão era

escolhida a cada encontro para preparar o próximo, e fazia isso em conjunto, no início também com outra educadora que acompanhava o processo, em duas ou três reuniões durante o mês. Esta decisão, além de facilitar a construção do grupo enquanto tal, a partir da corresponsabilidade, permitia que esta equipe aprofundasse um pouco mais a questão ou tema em debate e pensasse sobre o processo de auto-organização em si.

Paralelo a este processo, algumas integrantes participaram do curso de formação política Cirandas Feministas, oferecido pelo SOS Corpo a cada ano, em quatro módulos de quatro dias cada. Além disso, fez parte do processo de auto-organização a participação e apoio de todas quando do desenvolvimento de ações coletivas por algumas integrantes ou de seus grupos previamente existentes. São exemplos disso a mobilização e panfletagem nas ruas centrais da cidade contra o projeto de lei conhecido como Estatuto do Nascituro, a atuação conjunta na Parada da Diversidade em 2013, com a mobilização nomeada 'Felicidade é ter direitos'; o engajamento na construção da Marcha das Vadias; a participação no bloco carnavalesco lésbico-feminista Ou Vai Ou Racha; o enfrentamento de rua nos protestos durante as mobilizações de junho de 2013; a presença ativa no acampamento e nas passeatas do movimento Ocupe Estelita, entre outras.

As *oficinas de autorreflexão* se constituíram em espaços pedagógicos onde cada uma era convidada a refletir sobre a sua própria experiência de vida a partir de uma questão provocadora apresentada pela educadora. Sentadas no chão em círculo, elas tomavam a palavra, sempre na primeira pessoa do singular, verbalizando o que tinham vivido sobre o assunto, e que havia marcado a vida de cada uma. Assim ocorreram discussões sobre corpo, sexualidade, participação política, trabalho, racismo, violência, lesbianidade, entre outras questões, com depoimentos pessoais que exigiam de cada uma a capacidade de revisitar suas histórias de vida e suas ideias sobre esses elementos que circularam na roda. Para gerar condições de possibilidade para o aprofundamento da reflexão, utilizamos dinâmicas corporais e outras com materiais expressivos, que favorecem o uso de diversas formas de expressão e de todos os sentidos, potencializando e deslocando o grupo do hábito de apresentar opiniões preconcebidas, potencializando a escuta e a entrega, e favorecendo a intensidade do momento vivido coletivamente. Antes de iniciar, sempre reafirmamos o compromisso construído no início do processo de que este momento é de escuta e partilha, não sendo desejável a expressão de opiniões ou julgamento sobre os depoimentos de outras, além de não ser desejável que as partilhas feitas neste espaço extrapolem o círculo do grupo.

Como ensina Maria José de Lima,

A conscientização das mulheres não é um estágio no movimento feminista, mas parte essencial de sua estratégia. Esta conscientização é norteada por princípios políticos que devem conduzir-nos às fontes originais de nossa opressão, tanto históricas, quanto pessoais, e permitir-nos ir até as mulheres, ir até a experiência para formar a teoria e a estratégia de ação. A importância de escutarmos os sentimentos de uma mulher está em analisarmos a situação das mulheres em geral e não em analisarmos a mulher em questão. (1988, p.34)

As *rodas de diálogo* vinham a seguir, no mesmo dia, e elas permitiam sair da experiência individual para buscar compreender a situação das mulheres em relação à mesma questão refletida, considerando sempre as diferenças e desigualdades de classe, raça, sexualidade e identidade de gênero existente entre nós mulheres. Elas eram preparadas previamente com a leitura de textos que circulavam antes do dia do encontro, os quais nem todas liam, mas que sempre despertava o interesse de algumas que, a partir deles, formulavam ideias para debates na roda. A roda de diálogo tinha o caráter de debate teórico e político, buscando aprofundar o tema, a partir das singularidades do grupo, uma vez que existiam diferenças consideráveis em relação ao grau de formação feminista e sobre o pensamento social em geral.

A nossa concepção pedagógica nos impulsiona a acompanharmos processos como este buscando construir capacidade crítica, criatividade e autonomia nos grupos e nas pessoas envolvidas. Para isso, nos parecia fundamental o reconhecimento das diferenças e desigualdades que existem entre nós mulheres, mas também os processos de identificação com o que temos em comum como mulheres. Daí o resgate da metodologia de autorreflexão feminista nos pareceu o melhor caminho para trilharmos. Ao mesmo tempo, o debate teórico-político e o apoio às ações de cada grupo envolvido parecia ter potencial para facilitar uma integração deste processo ao movimento feminista como um todo, entendido aqui como algo que vai além da soma de seus grupos, articulações e ações políticas, ou seja, como um sentido geral da ação coletiva das mulheres, enquanto sujeito político, contra o sistema patriarcal, racista e capitalista. Esta é, em síntese, a perspectiva feminista que nos move. E este era o objetivo do processo pedagógico: educar para o engajamento militante no feminismo, mas não apenas em um *movimento feminista* em particular.

Ao final do primeiro ano deste processo de formação, uma das integrantes do grupo, Sophia Branco, sistematizou as oficinas realizadas e registra a definição inicial do grupo sobre si mesmo: “um pessoal que chegou junto porque queria construir ações feministas de forma coletiva” (BRANCO, 2014, p. 1). Ela apresenta o entendimento da ação educativa como um ato político.

Carmem Silvia Maria da SILVA
Feminismoagora! autorreflexão e formação política

A vontade de construir juntas deve ser maior do que a disputa política ou o medo da disputa. Este foi o mote que surgiu nas nossas primeiras conversas sobre o que deveria nos caracterizar. Podemos considerá-lo a nossa primeira escolha metodológica: queríamos discutir política com seriedade, mas queríamos fazê-lo em um ambiente leve e convidativo. Um sentimento que quase todas partilhamos – se não todas – é o de não reconhecimento em vários espaços de debate políticos consolidados, pelas suas formas de pensar e fazer política. Gostaríamos de transformar aqueles encontros numa tentativa diferente de articulação, onde pudéssemos partilhar nossas vivências, trabalhar a autoestima e a autonomia, tantas vezes boicotadas em outros espaços, sem perder de vista o debate teórico-político (BRANCO, 2014, p. 9).

Após dois anos encerramos essa experiência e elas, as participantes, seguem construindo o feminismo em suas vidas e nos coletivos nos quais atuam, refletindo sobre sua situação como mulheres, organizando ações coletivas de expressão de modos de vida e de luta por direitos, participando em movimentos sociais em torno de causas compartilhadas, se expressando com poesia, música, grafite, design, e também no jeito de ser e estar no mundo, transformando-o. O grupo que se constituiu neste processo chama-se FeminismoAgora!, com o sinal de exclamação no final. Foi uma experiência significativa de reconstrução de um modo de fazer feminismo que esteve na origem do movimento, nos termos nos quais ele se apresenta hoje.

Esta experiência aponta vários elementos para pensarmos como a situação de vida das mulheres é estruturada pela imbricação das relações sociais de exploração e dominação que moldam o sistema patriarcal, racista e capitalista, e também como uma pedagogia, inspirada na Educação Popular e em princípios feministas, pode ser relevante para favorecer a formação e a atuação coletiva em movimentos sociais. Por este motivo, realizamos esta sistematização.

2 PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA DE SISTEMATIZAÇÃO

Partindo da perspectiva da Educação Popular (HOLLIDAY, 1996; FALKEMBACH, 1991), buscamos construir uma proposta metodológica de sistematização que simplificasse o trabalho sem perder a sua característica de reflexão coletiva sobre a prática vivenciada. O fato de todos os encontros de formação e das reuniões preparatórias terem sido registrados gerou uma condição mais favorável. Ao final do primeiro ano, foi produzida uma síntese das reflexões desenvolvidas. Escrito e editado por uma das integrantes do grupo, este material foi diagramado por outra participante e depois publicado com encadernação artesanal feita de forma coletiva em uma oficina de ‘artesanato intelectualⁱⁱ’.

Entendemos sistematização como um processo de registro e análise crítica das experiências, elaborado pelos sujeitos que as vivenciaram, com o objetivo de buscar maior coerência metodológica, maior consistência teórica, reorientação e/ou revitalização das práticas e maior eficácia política (HOLLIDAY, 1996). Nesta perspectiva, sistematização é diferente de registro e de avaliação. Registro escrito é apenas uma, entre outras, memórias possíveis sobre o acontecido. Avaliação permite verificar a execução do planejado, mede os efeitos do processo e os resultados obtidos. A sistematização registra a experiência em seu contexto e a expõe para quem não a conhece, explicita a lógica interna do processo, as razões para ter sido feito assim, estuda a experiência, reflete a partir de outras experiências ou de contribuições teóricas, tira conclusões que indica caminhos para novas experiências. Ela, em geral, levanta problematizações a serem enfrentadas em pesquisas mais amplas e que exigem maior profundidade teórica. Não tendo tempo disponível para uma sistematização mais exaustiva, tentamos fazer, ao final da experiência, um grupo de discussão sobre as problematizações construídas, para garantirmos uma reflexão coletiva sobre o processo pedagógico.

A metodologia de sistematização, embora distinta, guarda aproximações com a pesquisa-ação que também nos serviu como fonte de inspiração. A metodologia da pesquisa-ação pode ser definida como um tipo de pesquisa social com base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os(as) pesquisadores(as) e os(as) participantes representativos(as) da situação ou do problema estão envolvidos(as) de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1985). No trabalho com a pesquisa-ação há três propósitos a serem alcançados: a resolução de problemas, a tomada de consciência e a produção de conhecimento (THIOLLENT, 1985). O trabalho reflexivo proposto pela sistematização em Educação Popular segue propósitos semelhantes. Falkembach a nomeou “a arte de ampliar as cabeças”. Em artigo com este título, ela afirma que

A sistematização possibilita, a partir dos lugares que ocupamos e dos tempos em que vivemos, transformar nossas práticas sociais em objeto de reflexão, produção de conhecimentos e aprendizagens [...] A sistematização transforma práticas sociais em objetos para o pensamento. Com isso, possibilita que os seus integrantes, sem se distanciarem da singularidade do seu mundo cultural, o vejam e deem conta da relação deste com um exterior. Permite que percebam, ainda, que a complexidade das coisas com as quais se debatem para realizar ações, produzir conhecimentos e aprendizagens advém também desse pertencimento a algo mais amplo. Um processo de sistematização concentra-se, portanto, em um objeto – prática social – porém o faz desde espaços-tempo que o significam (FALKEMBACH, 2006, p. 3).

A prática social tomada por esta sistematização é uma prática pedagógica de educação não formal realizada por uma organização feminista. Ela foi iniciada quatro meses após o processo pedagógico ter sido concluído. Não obstante, o grupo que se gerou continua existindo e atuando como parte do movimento feminista. Elas tomaram para si a nomeação da lista de e-mails, assumindo-o como nome público: FeminismoAgora!, e estão se organizando e realizando diversas atividades, a exemplo de oficinas de autorreflexão nas quais acolhem novas participantes, grupo de estudo sobre feminismo, cine clube itinerante e estão tentando organizar uma batucada feminista. Além disso, elas têm atuado nas ações coletivas do movimento feminista na cidade do Recife, a exemplo de protestos em relação a atos de machismo em salas de projeção de filmes protagonizadas por homens cineastas locais; organização coletiva do 8 de março e da manifestação “ocupe passarinho” em um bairro do mesmo nome na periferia do Recife; um “beijaço”, ação pública de protesto contra atos de lesbofobia ocorrida em um bar da cidade, entre outras.

O processo de sistematização consistiu em cinco passos: definição do foco da sistematização e da perspectiva teórico-metodológica; análise dos registros das oficinas e formulação de problematizações; grupo de discussão orientado por problemas com as participantesⁱⁱⁱ; redação a partir dos debates no grupo; e discussão do texto com o grupo para finalização.

Para análise deste processo pedagógico adotamos a perspectiva teórica da Educação Popular freireana e da elaboração sobre Pedagogia Feminista que temos desenvolvido, em diálogo com outras reflexões neste campo. Partimos também de uma compreensão de feminismo e de movimentos sociais, como fundamentos que alicerçam esta elaboração. As noções de experiência e de cotidiano, cara à história social e ao pensamento feminista, constituíram-se em um pressuposto fundamental a esta perspectiva educacional. Como afirma Betania Ávila,

o movimento de mulheres – assim como outros movimentos sociais – tem construído teias de organizações que perpassam o dia a dia da vida das pessoas, tomando as experiências cotidianas de injustiça, de violência e de carência como base de reflexão e luta política por direitos para sua superação, nas quais se forjam também novas propostas de organização da vida social, dessa maneira, o conflito se espalha e se enreda, integrando espaços coletivos e vida pessoal, cuidando do presente e construindo mudanças para o futuro. (2009, p.5)

A Educação Popular é uma concepção pedagógica, mais precisamente “um ideário educacional que alimenta um conjunto de práticas sociais, marcada fortemente pela dialogicidade e pela perspectiva de formação de sujeitos autônomos, críticos e criativos, que se mobilizam pela transformação social” (SILVA, 1996). A pedagogia feminista assim como a pedagogia freireana

apontam as necessidades urgentes de transformações estruturais, tanto no campo econômico como político e cultural e veem a ação político educativa como um processo, e não apenas como uma atividade.

A pedagogia feminista que adotamos apoiou-se na concepção de educação de Paulo Freire em articulação com dinâmicas da psicologia e reflexões oriundas da teoria crítica e do pensamento feminista. A partir deste diálogo desenvolvemos, em outra sistematização, alguns elementos que fundamentaram o percurso pedagógico desta experiência:

[...] a dialogicidade e o ato político-educativo de ‘ouvir as mulheres’ como um dos fundamentos da construção do conhecimento na prática educativa a partir das experiências cotidianas; a perspectiva voltada para as mulheres como sujeitos do conhecimento e para a ação política como transformadora de suas vidas e do mundo; o necessário impulso, para esta ação, da auto-organização das mulheres como movimento feminista autônomo, ou seja, constituído por mulheres e em torno da causa das mulheres; a perspectiva crítica permanente frente ao mundo, às teorias que o explicam e até mesmo frente ao próprio movimento feminista. Este sentido que damos à educação exige também não apenas ver a pessoa presente no ato educativo, mas vê-la em sua singularidade e como ser humano integral, desenvolvendo atividades que estimulem o raciocínio sistemático e o livre-pensar, o sentimento do belo, o estranhamento ao modo de vida cotidiano, a solidariedade com todas as mulheres e a paixão pela ação política e pela inovação. Desta forma, é possível ao feminismo, como pensamento que já está de certa forma institucionalizado, acolher o *novo* que advém destes processos educativos, as criações, as descobertas, as pujanças dos meandros do cotidiano que se impõem quando existe a possibilidade de ouvir as mulheres. A questão colocada pela filósofa francesa Françoise Collin acerca da arte e da criação também pode nos ser útil para nos questionarmos sobre a relação com o *novo* que se impõe nos processos educativos: “Será o pensamento pensado capaz de acolher o pensamento pensante?” (SILVA, 2010, p. 5).

As organizações dos movimentos de mulheres têm diversas experiências de formação. Algumas se voltam para a realização de projetos sociais que comportam trabalhos educativos mas não se envolvem com a organização de lutas e mobilizações. Outras procuram construir as ações educativas dando-lhes sentido político e se engajam nas lutas e processos organizativos dos movimentos. Esta diferenciação tem ensejado o debate sobre o lugar da educação na constituição do feminismo como movimento social dentro do campo político dos movimentos sociais que lutam pela transformação.

Em pesquisa anterior (HADDAD, 2008) sobre a situação dos estudos acadêmicos a respeito da ação educativa com mulheres no campo da educação não formal, classificam-se as teses e dissertações analisadas em quatro campos. O primeiro diz respeito à ação social desenvolvida por organizações não governamentais e serviços de extensão universitária que têm as mulheres de

classes populares como público. O segundo trata dos estudos sobre programas públicos de assistência social nos quais as mulheres são as beneficiárias. O terceiro busca construir conhecimento sobre a auto-organização e/ou a participação das mulheres em movimentos sociais e organizações não governamentais, no qual se incluem estudos sobre movimentos de mulheres e sobre a questão de gênero em movimentos sociais compostos por homens e mulheres. O último campo refere-se a trabalhos voltados para a reflexão sobre a identidade das mulheres e os processos que as gestam. Constatamos, nesta pesquisa, que um vasto campo de formação feminista não foi contemplado: aquele que ocorre em ambiente acadêmico e que, pelas relações de poder com as quais se institui, pode exercer influência sobre os outros campos. Analisando este contexto da educação não escolar com mulheres, afirmamos anteriormente apresentando a concepção pedagógica do SOS Corpo, que

Alguns setores veem a educação feminista da perspectiva de acumulação de conhecimentos teóricos sobre a situação das mulheres ou sobre a questão de gênero, que lhes permitam interpretar a realidade e/ou avaliar políticas públicas. Outros se voltam especialmente para a formação centrada na pessoa, ou seja, uma formação que propicie, a cada mulher em particular, sua autoconstrução como sujeito autônomo e, desta forma, favoreça o seu engajamento em quaisquer processos de mudança. Nós compreendemos que o sentido do nosso trabalho educativo é contribuir para a formação das mulheres para ação política feminista transformadora. Esta compreensão inclui tanto a aquisição de conhecimentos já sistematizados quanto a perspectiva de fortalecimento do sujeito individual, que entendemos como muito relevantes, mas vai um pouco além: exige a geração de condições de fortalecimento do feminismo como sujeito político coletivo (SILVA, 2010, p. 4).

O feminismo como movimento social, como o concebemos, é um processo sistemático de ações coletivas das mulheres contra a exploração e dominação patriarcal, capitalista e racista. Razão pela qual a sua pedagogia se fundamenta em análises sobre a situação das mulheres compreendendo as desigualdades entre nós, pois se trata de projetar a educação centrada na emancipação das mulheres como grupo social e como pessoas, o que exige compreender o feminismo como sujeito político voltado para a transformação social, mas que comporta diferentes expressões individuais e congrega diferentes articulações políticas de mulheres identificadas com causas coletivas como, por exemplo, a causa antirracista e a causa lésbica, entre outras.

3 RESULTADOS

3.1 Questões feministas hoje

Os temas desenvolvidos no processo de formação foram abordados, como já dissemos, a partir de autorreflexão e de rodas de diálogo teórico-político. Além disso, para facilitar a grupalização utilizávamos dinâmicas, jogos e técnicas pedagógicas lúdicas e interativas, em alguns momentos, em outros elas foram voltadas para introspecção e sensibilização, a fim de facilitar a escuta e a expressão pessoal pela palavra. Desta forma, os momentos de autorreflexão permitiram que temas consagrados no movimento feminista, sobre os quais já foram produzidas diversas abordagens, pudessem ser debatidos à luz de experiências de mulheres jovens, dando a eles uma visão mais contemporânea. Os comentários rápidos sobre alguns destes momentos visam demonstrar o potencial do processo pedagógico para a produção de conhecimento e para a formação das pessoas.

A sexualidade foi um dos temas discutidos em mais de uma oficina. Um mote que mobilizou o grupo foi a consigna “pergunta se ela goza” escrita pelo movimento feminista em Recife no início da década de 1970 nos muros da cidade, como forma de colocar em debate na sociedade o direito ao prazer sexual para as mulheres. Na sistematização (BRANCO, 2014) está descrito que o sentimento geral entre elas sobre isso é de que a geração atual de mulheres é mais livre que as anteriores. “Somos mais livres, porém, muitas vezes acreditamos que somos mais livres do que realmente somos” (BRANCO, 2014, p 10), disseram, afirmando que esta crença gera acomodação por parte das mulheres jovens em relação às lutas por igualdade e por liberdade sexual. Elas afirmam que

Goza deixa de ser um erro, mas querer gozar muito, sempre, com diferentes homens ou mulheres, continua demasiado libertino aos olhos da sociedade. De fato temos a liberdade de experimentar o prazer sexual com diversxs parceirxs e de diversas formas, mas uma vez realizada esta escolha, arque com as consequências, é o que a sociedade nos diz. Continuamos sob o jugo de uma sociedade hipócrita e moralista e nos vemos coibidas cotidianamente, muitas vezes até mesmo em esferas sociais que consideramos libertárias (BRANCO, 2014, p. 16).

A diferença da opressão no momento atual, no campo da sexualidade, estaria na capacidade de mercantilização e de dissimulação. A mercantilização é discutida no sentido de que as possibilidades de prazer são disseminadas como mercadorias a serem consumidas e a dissimulação diz respeito ao fato de que a aparência de maior liberdade pode gerar situações de difícil enfrentamento para as mulheres em alguns meios de convivência que se apresentam como mais abertos a novos modos de vida.

Constatamos estas dificuldades nas tentativas de relacionamento aberto e poliamor

Carmem Silvia Maria da SILVA
Feminismoagora! autorreflexão e formação política

que algumas viveram ou acompanharam de perto. O amor livre e o poliamor, quase um consenso entre as meninas do grupo, é uma forma de amar que coloca em cheque uma série de pressupostos da sociedade em que vivemos, dentre eles a desigualdade de gênero. Tem como um dos primeiros fundamentos a construção de relacionamentos igualitários onde a liberdade seja alcançada por todas as partes. É, por esse e outros fatores, em si, uma proposta libertária. Concordamos que é uma busca incessante e que pode funcionar. O que vivenciamos, entretanto, nos mostra que não é uma escolha simples. O machismo enraizado na construção de nossas identidades, quando não intensamente discutido e trabalhado, pode fazer com que tentativas libertárias acabem por perpetuar antigas relações de poder, onde as mulheres continuam oprimidas, sejam porque acatam a propostas que não gostariam de acatar e acabam sofrendo, seja porque os homens acabam por viver essa liberdade de forma mais concreta que as mulheres (BRANCO, 2014, p.18).

Em muitos encontros, os debates geravam a necessidade de auto-organização e de ação coletiva. Na discussão sobre aborto, o grupo decidiu chamar outros coletivos para uma ação de rua, panfletagem no centro da cidade contra o projeto de lei em tramitação na Câmara dos Deputados conhecido como Estatuto do Nascituro, e assim fizeram. Quando foi discutido lesbianidade o grupo decidiu reunir outros grupos para uma atuação durante a Parada da Diversidade, tradicional manifestação do movimento LGBT na cidade. Assim realizou a ação lésbico-feminista 'Felicidade é ter direitos', com o bloco carnavalesco Ou Vai Ou Racha, manifestando-se no interior da Parada. Além disso, realizaram sessões especiais sobre a questão lésbica em dois cineclubes nos quais algumas delas atuavam: o cine Fazenda Milagres, em Olinda, e o cine Vila, na vila Santa Luzia; entre outras ações.

Embora as mulheres envolvidas neste processo de formação não se constituíssem como um grupo ainda, a participação política já era uma preocupação geral, eivada de reflexões sobre como não gerar constrangimentos para quem não tinha esta perspectiva claramente estabelecida. Desta forma, algumas das integrantes e seus grupos mais próximos, estiveram atuando nas mobilizações que ficaram conhecidas como Jornadas de Junho de 2013. Em Recife, o lado militante destas Jornadas veio da Frente de Luta por Transporte que, em janeiro de 2012, já tinha realizado uma jornada de lutas semelhante e vivido fortes enfrentamentos com o aparato policial. Em 2013, este processo ficou misturado com as convocações amplas para as mobilizações, o que gerou fortes debates sobre o seu sentido e a pertinência ou não de participação, além de questionamentos a forma de organização e ação de vários movimentos.

Na publicação do grupo em 2014, esse foi o mote que mais mobilizou a reflexão entre as participantes: Por uma vida sem catracas!, pois ele se articula muito bem com os debates feministas que vinham sendo travados e foi também o título do panfleto disseminado pelo Fórum de Mulheres

de Pernambuco durante uma das manifestações. No dia da grande manifestação, 20 de junho de 2013, que contou com a divulgação da Rede Globo, o grupo tentou ir junto com os movimentos feministas, mas dado às dimensões da multidão, todas acabaram se dispersando; as reflexões sobre a manifestação foram bastante críticas. Nas outras manifestações, puxadas pela Frente de Transporte, foi possível uma atuação mais coesa e articulada. A passeata comandada pelas centrais sindicais também foi criticada pela forma tradicional de sair às ruas, com roupas iguais e disputas por comandos de microfones nos carros de som. O encontro no qual elas refletiram sobre estes acontecimentos foi um momento de muita inquietação e perplexidade, ao perceber as contradições dos partidos de esquerda no poder e também as contradições que permearam as ruas. Tudo isso foi vivido, por esta geração, como um momento novo, uma nova possibilidade histórica. Do rico debate feito, pelo menos uma conclusão se destaca, a partir do olhar delas: “resgatamos que é legítimo nos rebelar e que é legítimo ocupar” (BRANCO, 2014, p. 30).

A reflexão sobre o racismo como um elemento estruturante da formação social brasileira, perpassou o processo de formação e teve também um momento específico. Antes que o encontro acontecesse, ainda na preparação na lista de e-mails, as mulheres reagiram à questão apresentada fazendo circular textos, vídeos, poesias e comentando os problemas vivenciados pelas mulheres negras na realidade brasileira em função da estrutura racista. Era novembro, os grupos dos quais as jovens participavam estavam envolvidos com o debate da consciência negra. No período do encontro, a Marcha das Vadias preparava um debate sobre os impasses e desafios da Marcha na relação com o feminismo negro; o Flores Crew, grupo de *hip-hop* que tinha uma participante no processo de formação, estava organizando o encontro/acampamento Florescendo Ideias, que discute centralmente o racismo e a cultura negra; O Cine Vila e o Cine Fazenda Milagres, cada um com uma participante no grupo, prepararam sessões especiais com filmes sobre racismo. Todas estas ações revelaram a importância do processo educativo estar vinculado com o mundo “lá fora”, como elas disseram, a fim de não perder o sentido de formar para a atuação.

O centro da discussão foi o desvelamento das relações sociais racializadas. A partir dos depoimentos ficou nítida a dimensão de sofrimento que é imputada às pessoas negras pelo racismo, em especial às mulheres. Os relatos trouxeram para a roda situações familiares, de trabalho, relativas à vivência da sexualidade, de religião, entre outras, demonstrando como o racismo é uma estrutura que nada tem de sutil na vida cotidiana, e que nega, a cada momento, o mito da democracia racial construído no discurso nacional. Os depoimentos abaixo mostram como a experiência do racismo foi refletida

– A ação do Estado racista não é sutil. Para negro, pobre e favelado, nada é sutil; – Meu irmão de 16 anos está usando maconha. Ele tá no risco. A gente tem medo, porque ele é preto. Numa batida policial ele é que é o alvo; – No trabalho na TV eu fui chamada pra fazer externa porque a outra repórter, que era negra, estava com o cabelo desarrumado; – Sou preta e sou a mais branca lá de casa; – Tinha muita tontura sempre que estava de cabelo preso, o olho estica, a cabeça dói; – O cabelo! Meu presente de aniversário foi não alisar o cabelo. Alisei até o início do ano. Não tinha coragem de não alisar, achava prático. A transição foi difícil, foram 14 anos alisando o cabelo; – Até entrar na faculdade eu nunca tinha refletido sobre a temática racial. Eu era contra as cotas e lá fiquei a favor. Me vi sendo transformada, mudei minha opinião. Comecei a entender porque tinha privilégios por ser branca (BRANCO, 2014, p. 25).

Esses extratos das reflexões e debates sobre os temas trabalhados no processo educativo demonstram como o grupo ganhou intimidade para falar a partir de suas próprias vivências, como ampliou sua capacidade reflexiva e foi construindo concepções coletivas sobre os problemas que são enfrentados por nós mulheres na vida cotidiana. Além disso, a metodologia desenvolvida criou um *núcleo desejante* de atuação feminista permanente que, ainda neste momento em que não se configurava totalmente como um grupo de militância, foi construindo princípios e a sua forma própria de participar, de realizar ações, de atuar, enfim, dentro e fora do movimento feminista. A metodologia de autorreflexão foi fundamental neste processo de formação, no sentido de formar militantes com ganas de atuação coletiva no movimento, de construção de conhecimentos e com projetos de vida feministas.

3.2 A experiência de autorreflexão feminista

Nos anos 1970 e 1980, nos pequenos grupos feministas, a experiência de autorreflexão e/ou autoconsciência foi fundamental para constituição da teoria e da prática política; este método formou uma geração de feministas. Segundo algumas mulheres que viveram estas experiências à época, elas consistiam em refletir juntas, em grupo, sobre si mesma, sua própria vida, mas também pensar a partir de várias teorias que elas tinham acesso e levavam para os grupos para interpretar suas próprias vivências. A concepção pedagógica que foi se forjando nesse processo apoiava-se na ideia de integralidade da mulher como um elemento essencial para a formação do sujeito político; considerava a necessidade da formação da pessoa, entendida como geração de autoconfiança, consciência de si e construção da identidade pessoal própria, não subordinada à expectativa social que define como as mulheres devem ser. Como escreve Maria José Lima,

Os grupos de autoconsciência unem as mulheres, criando um vínculo significativo entre si, e vão gerando, pela tomada de consciência, percepção intelectual e emocional, cooperação e confiança... A reflexão coletiva leva-nos a desenvolver uma prática de percepção da condição da mulher e de autoconsciência do corpo e da mente, essa autoconsciência é o elemento fundamental da prática política feminista (LIMA, 1988, p. 33).

É, novamente, Maria José Lima que nos dá indicação de como era a formação nos grupos de mulheres no início da década de 1980. Segundo ela,

Grupo de autoconsciência é um trabalho que se realiza a partir da experiência vital de cada mulher na busca de problemas que são comuns a todas, por um período determinado. [...] Nos grupos de autoconsciência se inter-relacionam, de um lado, os questionamentos, as inquietações e as experiências e, do outro, os conhecimentos, as investigações e a produção de estudos sobre as mulheres (LIMA, 1988, p. 35).

Nas décadas seguintes, a grande maioria dos grupos e movimentos feministas parece ter abandonado ou reduzido a prática de autorreflexão. Em seu lugar começaram a acontecer oficinas temáticas com metodologias participativas. No processo que constituiu o FeminismoAgora!, foi feita uma tentativa de retomar este método reelaborando-o a partir das possibilidades atuais. O objetivo era contribuir com a formação de feministas, em uma concepção integral de sujeitos políticos.

Refletindo sobre isso, no *grupo de discussão orientado por problemas*, nesta sistematização, as participantes construíram um sentido para a experiência de autorreflexão feminista nos termos em que ela ocorreu neste processo pedagógico. No *grupo da sistematização*, elas afirmaram que a autorreflexão possibilita o autoconhecimento, o respeito ao próximo, o aprendizado com as experiências das outras pessoas, bem como ajuda a refletir sobre problemáticas mais amplas, que estruturam a realidade social como classe e raça. A fala de uma participante^{iv} reflete a metodologia como uma possibilidade de construção de valores necessários à integração solidária em um grupo:

Eu acho que a coisa de autorreflexão tem sido um aprendizado mesmo porque a gente não é acostumada a falar sobre a nossa própria vida, nossa própria experiência, a se entender... Sempre a gente quer formar um conceito, entender a realidade. Eu acho essa coisa do momento de autorreflexão, do ritual, assim: agora a gente vai se concentrar, vai respirar, vai respeitar o momento de fala de cada uma, a gente não vai desrespeitar as outras, a gente não vai dizer a experiência dela fora daqui, a gente vai aprender com a experiência de cada pessoa, respeitar mesmo a experiência de cada mulher que tá aqui (P1).

Outra integrante afirma que a vivência de autorreflexão proporciona mudança pessoal e no relacionamento com as outras pessoas, além de fortalecer a cada uma, pessoalmente. Duas

Carmem Silvia Maria da SILVA
Feminismoagora! autorreflexão e formação política

integrantes tentam elaborar verbalmente esta vivência:

Encontrei lugares em mim que estavam muito escondidos, essa coisa de falar, de chegar, de ouvir, de descobrir coisas que você não valorizava... Você achava que estava bem resolvida, mas com a possibilidade de falar, de ouvir depoimentos das outras... Essa experiência mudou radicalmente como eu sou e a forma que eu me relaciono com as outras pessoas, não só com as mulheres. [...] eu passei por um processo muito intenso, foi um filminho que você vê tudo que você viveu, foi um momento muito importante em relação ao grupo... Eu tô meio emocionada... Foi um processo de empoderamento, de colocar algumas fragilidades, elas não são banais, elas reverberam reflexões profundas que não é pequeno, é um processo de fortalecimento muito importante (P2).

Sempre tive problemas pra falar, eu penso muito, é minha parte preferida... Mas eu passei a me conhecer melhor e passo a conhecer melhor um tema a partir da vivência de cada uma, a partir do que cada pessoa vivenciou e que começava a fazer sentido... É um lugar que eu me sinto muito à vontade e eu nunca tinha participado de nada. Apesar de não falar muito eu pensava muito, eu ficava borbulhando, como se eu fosse subindo uma escadinha cada vez que vocês falavam (P3).

Referindo-se a participação no curso de formação – Cirandas Feministas – em conjunto com mulheres de classes populares, integrantes de outros grupos e majoritariamente adultas, elas afirmam que

[...] quando eu participei do Cirandas, a gente discutiu violência. A situação de violência de outras mulheres é muito foda... Você vê que a realidade é muito diferente, mas vê também que, às vezes, você vive situação de violência subjetiva que você nem percebe. Percebe como é importante sempre escutar as outras, até para entender a gente mesmo. Enfim, eu acho que vários temas foram muitos importantes. Trabalhar sexualidade, corpo, raça... Tudo continua motivo para autorreflexão. Discutir sobre classe foi muito importante para gente entender um mundo de coisas. [Com a autorreflexão] eu acho que muda a relação que você tem com outras mulheres, porque você passa a ver que todas as mulheres têm uma história, é outro respeito que você tem com as mulheres (P1).

Eu fui pro Cirandas também, a mais nova tinha 16 anos e a mais velha 70. Conheci mulheres reais, a gente dialoga, a gente pensa igual, são mulheres iguais a mim (P4).

Outras mulheres participantes da experiência também se referem à autorreflexão como processo contínuo que ajuda a criar laços de amizade e de identificação com outras mulheres.

Eu não conhecia essa metodologia, nunca tinha escutado falar antes de chegar aqui e gostei de me perceber no processo, ao fazer essas dinâmicas, ao participar desses momentos de autorreflexão, dando meus depoimentos, vivenciando, sem pensar muito, apenas vivendo... E depois percebendo o reflexo de ter dito certas coisas e escutar muitas coisas... Depois eu vejo reflexos daquilo que eu falei em mim. Durante o processo eu me abri a outras mulheres e fui abrindo... A gente cria

um laço, simpatia, disposição em conhecer, disposição em ser amiga, em criar esse laço mesmo... Foi fundamental ter sido contínuo, a gente se encontrar, e como eu passei a ver outras mulheres, como passei a ver vocês... (P4).

A experiência de autorreflexão associada à formação política, como foi vivenciado nesta experiência pedagógica, é vista por uma integrante como algo que ajuda a reconhecer-se como sujeito feminista, proporciona maturidade política e desenvoltura na realização de parcerias com outras mulheres, na construção de coletivos.

O Feminismo Agora! é um divisor de águas na minha vida. Existe eu antes do processo do FeminismoAgora! e eu depois do FeminismoAgora! Eu acho que essa metodologia trouxe um reconhecimento do meu sujeito feminista. Foi um momento de entender e reconhecer meu próprio processo, onde vivem meus monstros, minhas crises, esse processo vem maturando, vem desdobrando, a gente dentro daqui conseguiu construir um processo de fortalecimento e como isso é real, como isso se desdobra. Quando você não tá só aqui dentro e você tem que dar conta, o processo é pesado. E eu acho que eu tenho vivido desdobramentos disso agora... Sinceramente, eu acho que eu tô bem feliz por ter crescido, por ter crescido com vocês, e tá tomando lugares e posições dentro do campo profissional e dentro da militância que eu nunca esperei... Vai cavando... As pessoas lhe reconhecem e pedem desculpas por serem machistas, e senta com você pra rever. Eu mandei um e-mail agora pouco pra vocês... Não vamos ver só as fragilidades, mas vamos ver o quanto a gente cresceu, a gente criou um negócio grande. Se a gente perder de vista isso... Vamos fortalecer no conflito, no duelo, na própria maturidade que a gente tem um bocado... Esse processo de auto-organização, as parceiras que a gente tem feito, as pessoas que a gente tem dialogado, uma diversidade tremenda de mulheres e todas elas com essa força e você se sentir pertencente desse espaço e do espaço delas também, a gente tá aprendendo sororidade na prática, a gente tem conseguido dar passos largos (P5).

Tudo indica que o método feminista de autorreflexão é, de fato, uma possibilidade de formação de sujeitos na perspectiva da integralidade, tomando a reflexão sobre as experiências vivenciadas como insumo para o processo de reflexão individual sobre si mesma e seu projeto de vida. Porém, a partilha e a vivência coletiva a partir das dinâmicas pedagógicas que articulam a corporeidade e todos os sentidos, parece potencializar muito mais esta perspectiva. Ademais, pensando que este processo pedagógico associou a autorreflexão ao aprendizado político, experienciado e refletivo coletivamente, a partir de insumos introduzidos pela educadora e de experiências práticas de engajamento, torna-se necessário discutir até que ponto os resultados obtidos na reflexão sobre si mesma, enquanto sujeitos de sua própria existência, deve-se apenas à metodologia de autorreflexão ou ao processo como um todo.

Temos trabalhado com a ideia de que o feminismo, além de uma teoria e um movimento social, é também uma atitude pessoal diante da vida, razão pela qual a pedagogia feminista busca construir coerência entre a intenção e o gesto, entre a reflexão e o engajamento, entre construir a

Carmem Silvia Maria da SILVA
Feminismoagora! autorreflexão e formação política

nós mesmas e construir coletivamente as nossas lutas e os nossos movimentos.

Ser feminista é, ao mesmo tempo, preocupar-se com a situação de todas as mulheres, e cuidar de si, como mulher, inserida nesta situação. Ser feminista é caminhar no rumo de sua autonomia pessoal e, ao mesmo tempo, lutar coletivamente pela autonomia e liberdade de todas as mulheres. O feminismo é, neste sentido, um projeto de vida, e isso exige coerência entre o nosso pensar, sentir e agir, o que todas nós sabemos ser um permanente desafio. A educação feminista deve, portanto, responder a este desafio: contribuir com a formação de mulheres para ação política transformadora de si mesmas e do mundo (SILVA, 2010, p. 9).

As oficinas de autorreflexão potencializaram a construção da identidade feminista, vista tanto como uma perspectiva individual de construção da pessoa, como uma perspectiva coletiva de atuação no mundo. A ideia de que o feminismo transforma a vida das mulheres é uma ideia-força no movimento, todavia, ela é criticada por muitas vezes favorecer estilos de vida elitistas, que hierarquizam a posição das feministas em relação a outras mulheres. A educadora, escritora e militante feminista negra americana, bell hooks^v desenvolve a crítica da seguinte forma:

Costumo criticar o feminismo baseado num estilo de vida determinado, pois temo que qualquer processo de transformação feminista que busque mudar a sociedade seja facilmente cooptado se não estiver radicado num compromisso político com um movimento feminista de massas. No patriarcado capitalista da supremacia branca, já assistimos à mercantilização do pensamento feminista (assim como assistimos à mercantilização da negritude) de um jeito tal que dá a impressão de que alguém pode participar do “bem” que esses movimentos produzem sem ter de se comprometer como uma política e uma prática transformadoras (HOOKS, 2013, p. 98).

Concordando com bell hooks, insistimos que a formação para o engajamento político com uma prática transformadora, central na perspectiva freireana de Educação Popular, também é fundamental para a pedagogia feminista que temos construído.

3.3 A formação feminista e a auto-organização em movimento

O feminismo é um movimento social no sentido largo, de longa duração, como processo político cultural geral. Nele existem distintas articulações feministas que são também chamadas *movimentos feministas*. Estes *movimentos* definem seu projeto político e/ou demandas, pautas, propostas e, em torno dela, realizam lutas. As lutas constituem-se como processos de mobilização que enfrentam conflitos frente ao Estado e/ou à sociedade. O SOS Corpo apoia um destes movimentos, a Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB) que, em Recife, se organiza como

Fórum de Mulheres de Pernambuco. Mas, nesta experiência educativa que sistematizamos aqui, fizemos uma escolha política ao fazer um processo pedagógico aberto e não a “formação da AMB” com este grupo, no intuito de não o enquadrar em algo pelo qual ele não tinha optado. Ou seja, uma vez que este não era um grupo de integrantes deste movimento, a bem da verdade, nem era um grupo, buscamos trabalhar a formação feminista ampla, sem dirigir o processo para a formação política de um movimento específico. Independente da nossa vontade, um poderíamos, por um lado, ter caído na perspectiva vanguardista do dirigismo ou, por outro, poderíamos não ter acumulado o suficiente para a auto-organização em movimento. Ou seja, com a intenção de não dirigir para o engajamento em um movimento pelo qual as participantes não haviam decidido, corremos o risco de não impulsionar o engajamento em movimento algum. Essa foi a questão na segunda roda de debates no *grupo de discussão orientado por problemas* que realizamos neste processo de sistematização.

Uma das participantes discutiu o sentido do tempo nesta experiência. Para ela, o tempo possibilitou a criação de laços, que por sua vez ajudou na consolidação dessa formação e despertou o desejo e compromisso de se auto-organizar e construir coletivamente a ação feminista.

Foi o tempo, foi muito tempo, só foi depois dos dois anos... No meu ponto de vista não teria sido assim se não fosse o tempo que vivemos juntas. Isso não me leva a questionar o nosso potencial de reflexão e de organização, não. Eu sinto que algumas têm se sentido um pouco com medo das coisas não darem certo, mas é porque, sei lá. [...] A regularidade nesses dois anos, eu não sei, se tivesse sido seis meses, não sei se tinha rolado. Depois que a gente terminou, tem rolado uma coisa massa, aquele compromisso... Fiquei pensando, talvez o Feminismo Agora! se desfragmente logo de cara, se o processo tivesse sido mais curto, talvez... [...] Como isso me transformou, o tipo de construção coletiva que isso me possibilitou, essa coisa de olhar a outra, de ver a outra, me despertou uma sensibilidade outra, mudou minha forma de me colocar, meu compromisso, o que você constrói com as pessoas, fica, e isso tem a ver com a própria metodologia, faz com que meus desejos de construção coletiva sejam outros [...] O tempo foi estabelecendo laços entre a gente, mas também só o tempo me fez entender o processo de me sentir forte, a própria metodologia da autorreflexão, ver quando ela pode ser utilizada e quando ela é eficaz. [...] Eu me senti tão pertencente, minhas particularidades como potenciais, não com pequenez, eu fiquei pensando como, a partir desse lugar, eu posso me unir a essas lutas... (P2).

Outra integrante afirma que foi a formação que possibilitou a aproximação com as articulações e as pautas feministas. Ela discute também a relação entre o grupo formado no processo – o Feminismo Agora! – e outros grupos feministas que algumas das participantes integram.

A gente, enquanto Feminismo Agora!, tem um processo, as coisas se misturam, mas a Marcha das Vadias é uma coisa e o Feminismo Agora! é outra, do mesmo jeito com o Ou Vai Ou Racha, pra gente pontuar, a gente tá junto, mas não é a
Carmem Silvia Maria da SILVA
Feminismoagora! autorreflexão e formação política

mesma coisa. [...] Eu acho muito bom essa história de autorreflexão, você não tem uma leitura da conjuntura externa, você fala a partir de você e sempre sai algo legal. Dentro desse processo eu me senti muito privilegiada. Nunca tive aproximação com o Fórum de Mulheres e de uma maneira geral foi um espaço que mexeu muito comigo, de feminista, de fortalecimento, participei de dois encontros feministas, tudo isso saiu me jogando pra AMB, você se aproxima das pautas, das discussões, das amigas, tão na luta, reconhece a luta, admira, um espaço que faz você admirar as pessoas, querer tá junta no processo... Uma questão que se coloca pra mim porque eu posso dizer que tenho uma aproximação e um carinho pela AMB, pela luta, pelas pessoas, e essa pergunta me deixou muito em dúvida... Eu fico pensando muito nessas coisas, eu não quero mesmo que o processo seja feminismo carreira solo, não tem como dissociar muito as coisas, uma coisa já tá tocando a outra. Para mim tá sendo um processo muito dialógico. Potencializando o processo à medida que tô vivendo o processo. Eu acho que a gente não pode se deixar levar por picuinhas, se paralisar, isso não dá visibilidade às coisas. Acho que a gente tem que se organizar, mas eu tenho um certo receio de levar a cabo todo os conflitos... Eu fico um pouco em dúvida, mas é um caminho que tá se desenrolando, com esse tempo que tá maturando (P5).

Os conflitos existentes entre as diferentes articulações do movimento e mesmo no interior de cada uma delas foi pontuado por uma participante como sendo um elemento importante percebido no processo de formação: “Se a gente tivesse sido direcionada, a gente não tinha espaço para perceber esses problemas. Isso ajuda a querer fazer algo nosso, a fazer algo nosso, perceber os conflitos e tentar resolver” (P6). Outra demonstra interesse em se engajar em algum movimento feminista mais consolidado, a exemplo do Fórum de Mulheres de Pernambuco, e relaciona esta perspectiva à discussão sobre as classes sociais no interior do movimento feminista

Quando eu comecei nessa formação, eu estava muito em busca de um processo desse de formação política, formação política feminista, me encontrei muito, eu queria participar de um processo desse pra agir politicamente, mas eu sinto muito dificuldade nisso porque política é conflito e lidar com conflito é muito difícil, muitas vezes eu fico me saindo dos conflitos... O FeminismoAgora! é um coletivo que eu tô e sinto que eu não vou deixá-lo, como aconteceu com outras situações, em outro coletivo que eu sai, senti que era melhor assim pra mim e pro coletivo e eu acho importante a gente pensar na gente, mas de maneira nenhuma quando me retirei fiquei numa coisa de maldizer e desejar uma coisa ruim, foi sempre querendo apoiar e querendo que dê certo. Eu tô num processo que tô querendo me envolver numa coisa maior, num grupo ou coletivo, conheço pessoas da Marcha Mundial de Mulheres, da AMB, decidi que vou conhecer melhor o Fórum pra ver... Quando teve o encontro, essa sala tava cheia de mulheres, você vê o quê essas mulheres fazem e você vê que não faz nada, aquela culpa de classe, a culpa não serve pra nada, mas assim se você conseguir pegar isso e transformar isso pra mover você e perceber as pessoas numa situação mais difícil que você... (P1).

Para algumas a formação despertou o desejo de difundir a metodologia de autorreflexão em outros espaços dentro do movimento social, pois, para esta participante, a metodologia contribui

para o fortalecimento dos grupos e também individual, para além do feminismo.

Eu já venho do movimento um pouco diferente, venho do geral pra conhecer o feminismo, não tinha compreensão. Depois que vim senti a necessidade de fazer uma coisa com meu grupo [...]. A gente que tá no movimento geral não sabe, os grupos não são abertos para esta pedagogia, pra mim deu certo pra fortalecer [...], fortaleceu da questão do movimento de mulheres e do movimento estudantil (P7).

Uma das integrantes que entrou no grupo após o término do processo de formação colabora com o debate a partir de um outro olhar, mas focando a necessidade de engajamento no movimento social de mulheres e a necessidade de construir coletivamente.

Eu sentia a necessidade de não ser mais feminista carreira solo, como vocês chamam, queria tá envolvida com as mulheres e as ações. Eu ajudava, mas não construía. Apesar do pouco tempo, eu já percebo essas coisas que vocês falaram, do pertencimento... Eu já era feminista e não conhecia os grupos feministas de Recife. A partir do FeminismoAgora! eu resolvi ir construir a Marcha das Vadias, fiquei pensando como seria a organização do 8 de Março, tanta gente envolvida para as ações darem certo, eu era feminista e não conhecia as pessoas... (P8).

A percepção do feminismo como uma rede faz com estas jovens vejam o processo de formação que vivenciaram como uma abertura para diferentes tipos de engajamento e de formas de luta.

Ter esse grupo catalisou o processo de cada uma pra tá em outros espaços, pra dar base, se reconhecer feminista e estar no mundo, se posicionando, observando, estar em outros espaços... Sempre vi o feminismo como uma rede, um grupo de articulação, e agora a gente tá buscando auto-organização, buscando essa metodologia de se autonomizar, é uma nova fase extremamente desafiadora [...] a gente tá vislumbrando um processo maior, de picuinhas e problemas que sempre vão ocorrer, da necessidade da gente não se perder nisso, de enfrentar os conflitos, de saber se organizar, participar das lutas... (P4).

Para elas, este momento no qual desejam construir um grupo de mulheres inserido no movimento feminista de forma autônoma é um desafio. Uma afirma que é preciso olhar a história de luta das mulheres que antecederam para poder vencer o medo e seguir na construção do coletivo autonomamente (P9). Outra salienta que a formação possibilitou conhecer outros movimentos de mulheres e participar de ações da luta feminista e também de se encontrar nas manifestações com as mulheres de periferia e dizer “eu conheço estas mulheres” e se ver seguindo o mesmo caminho (P10). Outra ainda informa que, antes do processo de formação, ela já tinha certeza de ser feminista, porém o processo provocou uma disposição para estar juntas e olhar para fora, pra atuação política e pra construção de alianças (P6).

O processo construiu algo essencial pra ter um grupo: confiança e pertencimento. Teve um pontapé que tem total relação com autorreflexão, que é o passo da gente olhar pra fora, não menosprezando de forma alguma nossas questões, mas para ir além desse processo e vê que a gente tá no mundo [...]. A gente percebeu que a gente não tá inventando algo, a gente tá querendo olhar pra quem já tá fazendo o feminismo, essa disposição pra aliança foi algo que foi estimulado aqui (P6).

Com a conclusão do processo de formação, elas organizaram um grupo de militância feminista. Esse resultado pode ser interpretado de forma muito linear, uma vez que um dos objetivos do processo era exatamente o engajamento político. Todavia, a profundidade da reflexão desenvolvida por elas sobre a sua identificação com o feminismo, o tipo de prática política que desejam ter e os desafios colocados para os movimentos de mulheres hoje indicam que o caminho percorrido permitiu-lhes galgar uma dada profundidade reflexiva. Entendo que isso foi possível por elas terem vivido essa experiência pedagógica, com as características de autorreflexão, formação teórico-política e oportunidades de atuação política, neste contexto do movimento feminista de Recife e neste tempo histórico que vivemos. Recife é uma cidade com uma longa trajetória de movimento feminista organizando e atuante, com vários processos de luta e de mobilizações constantes. Atualmente este movimento tem sido renovado com o surgimento de vários coletivos feministas compostos majoritariamente por mulheres jovens, com distintas perspectivas políticas.

3.4 Feminismo hoje: na rede e nas ruas

Nos últimos anos desenvolveu-se uma nova forma de socialização feminista através da comunicação na internet; hoje, o número de produção e de circulação de informações feministas é grande. Também passaram a existir inúmeros novos coletivos feministas, a maioria deles são constituídos por jovens, que se articulam ou iniciaram seus processos a partir da comunicação virtual. Seguramente este fenômeno tem maior incidência sobre as mulheres jovens do que sobre as mais velhas, e também sobre aquelas que têm maior acesso ao mundo digital, majoritariamente a classe média, embora atinja também as classes populares. Este momento apresenta muitos desafios para o movimento feminista, mas também para a ação educativa que se desenvolve nele. Parecem ser, ao mesmo tempo, crescimento e dispersão. E também pode abrir novas possibilidades de organização e atuação para o feminismo enquanto movimento social. Esta questão potencializou a terceira rodada de debates no *grupo de discussão orientado por problemas* nesta sistematização.

Para as mulheres do FeminismoAgora!, esse momento tem vários desafios. Um deles é a necessária contextualização histórica do feminismo, o que ocorre em processos de formação, mas

não é tão fácil de encontrar a partir das buscas livres na internet (P6). Outro desafio é “não cair na esparrela de imaginar que estamos inventando a roda”, dizem, referindo-se ao desafio de buscar compreender a história e partir do que foi enfrentando em cada momento, com as possibilidades que existiam naqueles contextos (P4). Foi registrado também a visão sobre as dificuldades de organização política atualmente diante do crescimento do individualismo (P1) e a necessidade de transformar o acúmulo de informação e conhecimento possível de ser adquirido na internet em insumos para a organização e a ação coletiva.

Eu acho que a internet propiciou às pessoas, numa maneira geral, conhecer a militância do mundo, mas tem gerado muito ativismo de sofá. É importante as pessoas que tem acesso a lutas no mundo verem que tem muita coisa construída que tem reverberado no movimento, por exemplo, a maneira como o Ocupe Estelita se organiza, o próprio boom do movimento Ocupe Estelita foi quando colocaram no grupo da internet Direitos Urbanos que tava acontecendo lá e daí todo mundo chegou junto e ocupou. A internet é importante como meio de mobilização e conhecimento, mas se ficar só nisso não traz consequências. É preciso o fortalecimento individual, a noção de conhecer as histórias, tem o desafio organização política, quando você sai do plano virtual é bem difícil... (P9)

O desafio de construir processos políticos, com continuidade de ações e movimentos que são puxados pela internet no plano da ação de rua é fundamental para o fortalecimento político dos movimentos. Esta ideia veio para o debate associada ao enfrentamento do problema da inclusão digital de mulheres de classes populares.

Eu acho que é superimportante a internet como ferramenta. Tem Blogueiras Feministas, Blogueiras Negras. É importante pra tá divulgando, e ver como isso pode capitalizar uma ação. O movimento Marcha das Vadias tem muito a ver com a internet. Um Bilhão Que Se Ergue também. O desafio é pensar a continuidade disso... Outra questão é que grande parte das mulheres não tem acesso à internet. Existem pessoas ainda que não sabem escrever, digitar. Temos que pensar como dentro do movimento vai se pensar essa formação, essa inclusão digital das mulheres, o domínio dessas ferramentas (P1).

O desafio é essas jovens mulheres de 15, 16 anos, como chegar nelas? Temos que pensar estratégias de como chegar nessas meninas que estão conhecendo o feminismo pela internet (P8).

Por fim, o grupo apresentou também preocupações que dizem respeito ao projeto político feminista e, mais amplamente, à crise de projeto que estamos vivendo no campo político dos movimentos sociais, na chamada esquerda social.

Tudo isso passa por uma crise da esquerda no país, a falta de um projeto político que capitalize as forças, uma certa crise de utopia faz com que a gente se agarre com as lutas específicas, mas quando as lutas específicas não estão articuladas a

um bloco maior, ela só consegue andar um pouco e volta. Faz falta um projeto de sociedade que consiga aglomerar muitas forças, um pacto que a gente tá nessa... E tem uma questão regional de América Latina, que é um lance também, essa onda de vários governos de esquerda que avançaram em muitas questões, mas também que engessaram uma esquerda de pensar em certos projetos políticos mais amplos. Tem essa onda conservadora... E depois o movimento feminista também por ser uma bandeira muito de cooptação, porque ele pode ser muito capitalista, liberal, ele não é uno, tipo somos feministas e estamos juntas... Tudo isso deixa uma fragmentação, não sei, mas que reverbera numa desarticulação dos movimentos, a pauta específica talvez seja uma coisa que a gente consegue se agarrar pra seguir, mas a crise gera novas utopias, novas pautas (P2).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando esta experiência, vemos que a Educação Popular tem muitos elementos em comum com a educação que se consolidou dentro do movimento feminista. Um deles, e talvez o mais forte, é o caráter político. Para ambas as expressões pedagógicas, os processos educativos visam à formação de sujeitos políticos, e o conhecimento é percebido como parte da construção do projeto desse sujeito e de suas lutas. As duas vertentes também se preocupam com a integralidade desses sujeitos, embora as ênfases sejam diferentes, a educação popular na sua visão de sociedade foca tradicionalmente na estrutura de classe e, pedagogicamente, é mais voltada para as dinâmicas de participação. A educação feminista que propomos afirma que a sociedade está estruturada a partir das relações sociais de classe, sexo e raça, de forma conjunta e completamente enredadas e, na sua pedagogia dá espaço para a racionalidade crítica, para a vivência das emoções e da corporeidade e também para a autorreflexão a partir das experiências individuais e coletivas.

Debatendo a relação entre Paulo Freire, a “educação como prática da liberdade” e a pedagogia feminista que se alimentou de suas ideias, a feminista e educadora argentina Claudia Korol (2007) comenta

Personalmente, sigo enamorada de aquella búsqueda todavía inmadura y limitada de Freire, que concebía a la educación como “práctica de la libertad”. Aún compartiendo su crítica a la misma, veo la oportunidad de recuperarla y recrearla, poniendo énfasis en nuestra experiencia político pedagógica en las batallas por la libertad, no sólo en el más allá deseado, sino en nuestra propia cotidianidad. La “práctica de la libertad” no se limitaría así a un discurso contra las formas opresivas y represivas del Estado burgués y patriarcal, de sus instituciones de reproducción de la cultura capitalista, androcéntrica, colonizadora. Es sobre todo la posibilidad de un ejercicio de lucha material y también subjetiva contra la enajenación, contra la mercantilización de nuestras vidas, la privatización de nuestros deseos, la domesticación de nuestros cuerpos, la negación sistemática de nuestros sueños, la mutilación de nuestras rebeldías, la invisibilización de nuestras

huellas, el silenciamiento de nuestra palabra, y la desembozada represión de nuestros actos subversivos (KOROL, 2007, p. 16).

Se Paulo Freire estivesse ainda por aqui, neste momento da história, certamente estaria preocupado com as guerras supostamente em nome de religiões, mas que seguem os ditames do capital, com o crescimento do fundamentalismo e da xenofobia do mundo e como tudo isso coloca em cheque esta civilização que se forjou baseada na exploração do trabalho e dos territórios, na dominação racista e patriarcal. É dele que aprendemos a ideia de uma pedagogia da autonomia, voltada para formar sujeitos pensantes, mas também amorosos, críticos e certamente criativos, curiosos e convictos de que “um outro mundo é possível” e, sempre, com consciência do inacabamento de nossa própria proposta pedagógica (FREIRE, 1996).

Dialogando com a perspectiva de Paulo Freire, Claudia Korol e de bell hooks, nos propomos a uma pedagogia que seja capaz de transgredir na sua atuação no mundo e na sua inserção no próprio movimento feminista. Queremos que o ambiente educativo no interior do movimento feminista (e dos movimentos sociais em geral) seja capaz de ver o novo, de abrir-se para a crítica, de impulsionar a criatividade, de permitir a todas as pessoas o exercício da reflexão, o estímulo aos sentidos, a elaboração de ideias novas e, sobretudo, a maestria de renovar as nossas esperanças na utopia de um mundo melhor para se viver.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, B. Vida Cotidiana: um desafio teórico e político para o feminismo. **Cadernos de Crítica Feminista**, Recife, n. 2, p. 44-79, 2009.

BRANCO, S. **Feminismo Agora!** Notas sobre um processo de reflexão e fortalecimento. Recife: SOS Corpo, 2014.

CALDART, R. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CARREIRA, D. **Viver é afinar um instrumento:** processos de formação feminista no Brasil. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. **Seminário nacional de metodologia**. Forma e Conteúdo, São Paulo, 1, fev. 1990.

COLLIN, F. Textualidade da libertação. **Cadernos de Crítica Feminista**, Recife, n. 3, p. 68-81, 2010.

FALKEMBACH, E. M. **Sistematização**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1991.

_____. **Sistematização uma arte de ampliar as cabeças**. 2006. Mimeo.

FISCHER, M. C. B. **Do agente ao educador popular:** reflexões sobre um trabalho popular. 1987. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOHN, M. G. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 1995.

HADDAD, S. (Org.). **Educação não escolar de adultos:** estado da arte. São Paulo: Ação Educativa, 2008.

HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: Ed. UFPB, 1996.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação com prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KERGOAT, D. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 86, p. 35-57, 2010.

KOROL, C. **Hacia una pedagogia feminista**. Buenos Aires: El Coletivo Panuelos em Rebeldía:

=====

América Livre, 2007.

LEITE, R. S. C.; TELES, A. **Da guerrilha à imprensa feminista**: a construção do feminismo pô-luta armada no Brasil (1975-1980). São Paulo: Intermeio, 2013.

LIMA, M. J. Linha da vida ou grupo de autoconsciência: uma reflexão sobre a ótica feminista. In: RÉGIA, M.; CAMURÇA, S.; OLIVEIRA, E. et al. **Como trabalhar com mulheres**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

MANFREDI, S. M. **Educação sindical entre conformismo e a crítica**. São Paulo: Loyola, 1986.

MILLS, C. W. **Artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

REGIA, M. **Como trabalhar com mulheres**. Petrópolis: Vozes, 1988.

SCHUMAHER, S. O lobby do batom para dar o nosso tom. **Cadernos de Crítica Feminista**, Recife, n. 1, p. 87-91, 2008.

SILVA, C. S. M. **Contribuições a uma análise da política de formação do Partido dos Trabalhadores**. 1996. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1996.

_____. **Experiências em pedagogia feminista**. Recife: SOS Corpo, 2010.

SORJ, B. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. In: COSTA, A. de Oliveira; BRUSCHINI, C. (Org). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

THIOLLENT, M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1985.

Artigo recebido em 12/05/2016.

Aceito para publicação em 27/06/2016.

Notas

i SOS Corpo Instituto Feminista para Democracia é uma organização feminista com 35 anos de existência, sediada em Recife (PE). Ver www.soscorpo.org

ii Utilizamos a expressão “artesanato intelectual” para nomear esta oficina de aprendizagem de encadernação em referência bem-humorada à contribuição de Wrieth Mills (2009) para a forma de pensar sobre os problemas sociais.

iii O grupo de discussão orientado por problemas reuniu-se em dois momentos distintos e contou com a participação de Camila Santana de Melo, Cristiana Cavalcanti, Sophia Branco, Thisbe Driele Martins, Ingrid Abage, Flávia Vieira, Eloah Vieira, Cecília Cuentro, Agsa Gaige, Ju Dolores, Gabriela Cordeiro, Neide Silva e Marília Nascimento. Neste artigo, as falas das participantes serão registradas por números, a exemplo de P1, P2, que não correspondem, necessariamente, a ordem dessa lista apresentada.



As participantes foram nomeadas como P1, P2, e assim sucessivamente, para efeito de citação.
v bell hooks, grafado com minúscula por decisão própria para determinadas publicações, é pseudônimo de Gloria Jean Watkins.